

Notas e informações

Para o fundo do abismo

Em que se resumia a mentalidade stalinista — oriental, portanto — que sacrificou milhões de vidas na louca aventura de construir o "socialismo num país só"? Em que a União Soviética estava cercada pelo mundo imperialista. Hoje, quando Gorbachev quer abrir ao menos uma fresta para o mundo exterior a fim de poder respirar ar fresco (liberdade de iniciativa, avanço tecnológico, racionalidade econômica), defronta-se com a resistência da burocracia montada em seus privilégios. No Brasil de 1987, idêntica maneira stalinista de ver o mundo se está instalando, agora não mais devagar como vinha sendo, mas na mesma velocidade com que se precipita a crise política.

Imaginando-se vítima de imensa conspiração imperialista, Executivo e Assembléia Nacional Constituinte, sem falar em muitos empresários, dão-se as mãos para fechar o Brasil ao mundo. O quadro é mais negro do que se poderia entrever do que acima se disse: aproxima-se da paranóia. A teoria conspirativa da História campeia solta no Palácio do Planalto, ao mesmo tempo em que os arautos da burocracia triunfam na Comissão de Sistematização. Enquanto no Exterior se observa com um misto de tristeza e apreensão o que aqui acontece, é necessário que aqui dentro as mentes abertas estejam alertas para impedir que, ao amparo do clima de liberdade criado pela distensão e consagrado na existência da Assembléia Nacional Constituinte, se estabeleça no Brasil o pior dos regimes possíveis: uma aparência de democracia, que de fato é a ditadura econômica do Estado e política do partido único em que os nacionalisteiros em breve transformarão o PMDB.

A votação da Comissão de Sistematização, definindo os campos do monopólio da União, é apenas um dos muitos sintomas do que está acontecendo com a cumplicidade daqueles que depois serão as vítimas do terror do Kublai Khan. A partir de agora — a menos que em plenário se alterem as coisas —, a União tem o monopólio de tudo o que se relacione com petróleo bruto e derivados, gases raros e naturais e minérios atômicos. Só a União pode transportar do Exterior para o Brasil e do Brasil para o Exterior o bruto e seus derivados; apenas ela pode refinar, distribuir, estocar; tão-só a ela caberá a pesquisa e a lavra do petróleo e derivados (inclusive os gases raros), podendo conceder a distribuição a companhias constituídas majoritariamente de capitais nacionais. Concessão, esclareça-se, por tempo determinado e a título precário — para que fique bem claro que quem manda é a

Petrobrás, mesmo que seu atual presidente esteja contra tudo o que foi votado. O coronel Ozires Silva é um *animal político* e não é capaz de perceber as razões do *animal burocrático* que comanda o País. Sua opinião, portanto, pouco vale.

Não é o resultado da votação na Comissão de Sistematização que nos inquieta; como poderia ele ser diferente se boa parte daquilo que se decidiu já havia sido estabelecida quando da discussão pela subcomissão temática? O que assusta — e esse é o termo — é que a paranóia chegou ao Planalto e a teoria do cerco, própria do regime stalinista e do pior momento do autoritarismo militar no Brasil, começa a ganhar a mente dos auxiliares do presidente. Considerando a delicadeza da situação política e o fato de o sr. José Sarney sentir-se cada dia mais acuado, temendo perder um ano de seu mandato, não espantaria, para desgraça do Brasil, que um dia ele também se deixasse seduzir por tamanho despautério, se não é ele, presidente, quem o faz difundir hoje.

O que não se aceita no Planalto é que a Autolatina tenha tido a coragem de enfrentar o monstro. Na verdade, porém, ela o fez. Ora, se a empresa procedeu contra o poder burocrático, só pode ter sido por instigação de quem tem poder. Donde se conclui que foi o governo da República Federal da Alemanha que determinou à Autolatina que desafiasse o CIP. A razão dessa interferência? O fato de o governo Sarney não desejar levar avante o programa nuclear assinado pelo presidente Geisel! Esse é um lado da questão. O outro, como não poderia deixar de ser, é a campanha de desestabilização que o ex-presidente Figueiredo e o professor Mário Henrique Simonsen — segundo deu a entender o presidente da República — estão fazendo contra o governo Sarney. Como é possível associar a Autolatina a Figueiredo e Simonsen? Por intermédio do ministro Costa Leite, que concedeu a liminar à empresa multinacional. O ministro Costa Leite foi nomeado para o TFR pelo presidente João Figueiredo. Antes disso, fora consultor-jurídico do SNI, ao tempo do general Otávio Medeiros. A conclusão é inescapável: o governo de Bonn e os generais Figueiredo e Medeiros uniram-se para fornecer à Autolatina e ao ministro Costa Leite o respaldo indispensável a permitir a desestabilização do governo Sarney! Por raciocínio muito menos tortuoso do que esse, milhares foram mortos pela GPU, na Lubianka ou na Sibéria, acusados de conspirar com o imperialismo para derrubar Stalin. No Brasil, felizmente, ainda não chegamos a esse ponto de

requisito de perversidade, embora o de estupidez seja o mesmo.

Só se espalham sandices dessa ordem para encobrir as verdadeiras intenções estatizantes de quem está no Palácio do Planalto, jurando fidelidade à livre iniciativa (do senador Albano Franco, com certeza). O que se esconde por detrás desse tipo de informação — completada, lamurientemente, com a triste notícia de que a Autolatina reforçou o nacionalismo na Assembléia Nacional Constituinte — é simplesmente o desejo de preparar terreno para a derradeira e fatal jogada do presidente Sarney, quando não souber mais como convencer a opinião pública de que deve ser presidente até março de 1990: realizar a *volte-face* no sentido do nacionalismo brejeiro dos anos 50, regredindo à "Bossa Nova" da UDN. É isso que os oráculos do Kublai Khan nos anunciam: tendo os estrangeiros e a Justiça ousado desafiar a vontade dos burocratas, far-se-á que a Assembléia Nacional Constituinte decrete o nacionalismo mais estreito de que se tem notícia no Brasil. Depois, quando, lá fora, houver reações, a voz dos salvadores da Pátria se erguerá, tonitruante, e o governo investirá contra os capitais estrangeiros. A propósito informa-se que o ministro do Exterior teria dito ao secretário de Estado que a aplicação de sanções comerciais dos Estados Unidos, em decorrência da lei de informática, teria graves repercussões no Brasil. Políticas, bem entendido; orquestradas pelo Kublai Khan, apoiadas por muitos industriais e aplaudidas por antigos guerrilheiros, pelos vários PCs e pelo PT. Tudo isso, é preciso estar atento, se faz e se fará para auxiliar o presidente da República a permanecer o quanto quiser no Planalto a fim de garantir a "soberania" brasileira ameaçada pelo governo de Bonn, que não se conforma com o fato de o Brasil não querer mais os reatores da KWU, agora que já enriqueceu urânio sem controle algum da Agência Internacional de Energia Atômica. Tamanha estupidez, que raia a loucura, só pode ter uma explicação, afora a que avançamos, isto é, a de estar em gestação o golpe de Estado para afastar os capitais estrangeiros do Brasil: o presidente Sarney, temendo a candidatura Brizola, fez seu o programa do caudilho. Sem reunir, no entanto, o carisma do ex-governador do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro.

O País começa a descer o plano inclinado da crise de Estado. Ou se convocam já eleições gerais para amanhã, ou a desordem mental e política nos levará ao fundo do abismo, onde não há instituições que governem os apetites dos homens.